TOIVON TUOLLA PUOLEN,
de Aki Kaurismäki

por Daniel Ribas

É refrescante, de tempos a tempos, voltar ao cinema de Aki Kaurismäki. O seu mundo, atravessado por uma estética *retro* (mas sem o pastiche pós-moderno a que associamos agora a palavra), ancora-se numa vontade e necessidade de recentrar o nosso olhar para aquilo que nos faz humanos. Esse lado humanista –que o cinema clássico tão bem adotou como postura política necessária– faz o realizador finlandês uma espécie de ilha no meio da confusão genérica do cinema contemporâneo. Os seus planos estáticos, as performances secas dos seus atores, ou a força da música como significante fílmico são revigorantes sinais de que há, de facto, um outro lado da esperança.

Neste filme, o realizador acerca-se de um tema premente no nosso mundo, a vaga de refugiados, concentrando-se na viagem finlandesa

de Khaled, um sírio que foge da guerra. Para Khaled, o mundo desabou: a sua irmã desapareceu na grande jornada até chegar a Helsínquia. A sua figura inicial, coberta de carvão, mostra como Khaled apenas sobrevive. Mazdak, o amigo que encontrará no centro de refugiados, dir-lhe-á que, para se enquadrar no sistema, tem que ser abertamente positivo. Mas Khaled não resiste –o sistema judicial finlandês determina a sua deportação– e a única chance é a fuga.

Por vias travessas, Kaurismäki chega ao centro do seu mundo narrativo: o encontro improvável entre personagens opostas. É desta forma que Khaled cruzará com Waldemar Wikström, um finlandês recatado que acaba de mudar de vida – deixou a mulher, ganhou uma fortuna a jogar póquer e comprou um restaurante. Wikström não é um finlandês de coração doce e a suas tentativas sucessivas para transformar o restaurante saem fracassadas. Com Khaled, no entanto, há um acolhimento surpreendente. Para Kaurismäki, o fundo humano é inesgotável, apesar dos sinais contrários cada vez mais evidentes – aqui, essa função é exibida pelo grupo Finland Libertation Army, que aterroriza os refugiados. É como se o realizador nos mostrasse, constantemente, o lado obscuro do mundo para depois nos dar uma luz.

É dessa tensão –assumidamente nunca resolvida– que se fazem os nossos dias. Sobra, no final, a ternura de um irmão pela sua irmã e o reencontro de Wikström com a sua mulher. Apesar de tudo, há esperança.